

MULHERES NA FOTOGRAFIA: QUAIS ESPAÇOS OCUPAMOS?

Lia Kim Kool / Colégio de Aplicação UNIVALI
Sarah Zewe Uriarte / Colégio de Aplicação UNIVALI / UDESC

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar o espaço da mulher nos cursos superiores em fotografia. Trabalhou-se com autoras do mundo da arte como Frances Borzello e Linda Nochlin, a filósofa Djamila Ribeiro e o grupo de artistas Guerrilla Girls para entendermos este cenário. A abordagem metodológica foi documental e bibliográfica, buscando as autoras presentes nas bibliografias dos cursos superiores em fotografia em Santa Catarina. Percebeu-se que menos de 15% do total de livros utilizados foi escrito por autoras mulheres. Assim constatou-se que estes cursos não contemplam de maneira satisfatória a participação das mulheres em todos os âmbitos da área. Finalizou-se elaborando uma lista de bibliografias escritas por mulheres, comprovando a presença significativa de autoras na área da fotografia.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Mulheres; Representatividade.

Nos dias atuais é comum ouvirmos falar em representatividade, conceito que de maneira genérica significa sentir-se representado, olhar alguém em quem conseguimos nos enxergar, e entender que isto pode ser um fator decisivo em nossas escolhas. Nas discussões feministas representatividade importa na medida em que ao vermos outras mulheres ocupando espaços, sejam profissões, espaços de poder, cargos públicos e outros, entendemos que esta é também para nós uma possibilidade. Porém ocupar espaços não é suficiente, é preciso construir outras narrativas, outras epistemologias que falem da nossa presença e contribuição e que consigam enxergar as áreas a partir de um olhar diverso, que nos inclua e escute. É o que a filósofa Djamila Ribeiro chama de descolonização epistemológica, e diz que

[...] um projeto de descolonização epistemológica necessariamente precisaria pensar a importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localizações são distintas e que a localização é importante para o conhecimento. (RIBEIRO, 2017, p. 31).

Na década de 60 Linda Nochlin lança um texto intitulado “Porque não houve grandes mulheres artistas?”. O título do texto, em princípio polêmico, foi capaz de gerar

discussões acaloradas antes mesmo de que se pudesse compreender o pensamento de Linda: de que a frase estava ali para ser questionada, e não respondida. Percebemos que Nochlin se interessa em levantar questionamentos que construam uma visão crítica sobre o cenário das mulheres na arte.

Trazendo a situação para a fotografia, um dos questionamentos que impulsionaram esta pesquisa veio do contato de uma das pesquisadoras com profissionais de fotografia, quando estes disseram que mulheres fotógrafas costumam trabalhar com ensaios de gestantes e recém-nascidos, assuntos “tipicamente femininos”. As aspas aqui colocadas são para reafirmar, em conformidade com toda a história e teoria feministas, a não concordância com esta divisão de assuntos em função de gênero, determinando possíveis interesses meramente apoiados em seu sexo biológico e identificação de gênero (homem – mulher).

Se as e os próprios profissionais da fotografia acabam por reproduzir uma visão tão limitada da área, não valeria a pena investigar como vem se dando a formação profissional em fotografia no país? Entendíamos, de maneira superficial, que possivelmente poucas bibliografias e materiais nos cursos da área traziam mulheres que participam do universo fotográfico como contribuintes no processo histórico de desenvolvimento da fotografia e enquanto profissionais da área em diferentes vertentes. Daí o interesse em entender a questão da representatividade das mulheres na fotografia. Ainda, pensando um pouco mais a frente, quais seriam os possíveis efeitos desta representatividade na formação de mulheres fotógrafas?

Nosso panorama inicial deu-se em uma pesquisa rápida na BNTD (Biblioteca Nacional Digital de Teses e Dissertações) utilizando as palavras-chave “fotógrafas mulheres”. São inúmeros os trabalhos que tratam da representação da mulher em relação à aspectos físicos e nudez em trabalhos fotográficos. Porém, apenas dois trabalhos¹ parecem discorrer sobre a produção fotográfica feita por mulheres. Assim entendemos que a representatividade de mulheres na fotografia possivelmente não vem sendo contemplada da melhor maneira. E por acreditarmos que é também a

KOOL, Lia Kim; URIARTE, Sarah Zewe. Mulheres na fotografia: quais espaços ocupamos?, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2860-2867.

partir da representatividade que pessoas pertencentes a um mesmo grupo se sentem aptas a fazerem determinadas escolhas, inclusive no âmbito profissional, esta ausência das mulheres poderia apresentar-se como um problema.

A partir deste tema optamos por investigar como as mulheres são contempladas na formação superior em fotografia, especificamente enquanto autoras e referências. A pesquisa teve caráter documental e bibliográfico, contemplando os passos de realização de encontros para discussão do referencial teórico; busca por cursos de graduação em Fotografia utilizando como referência o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior e-MEC (<http://emec.mec.gov.br/>) do Ministério da Educação; contato com os cursos de graduação em Fotografia no estado de Santa Catarina para acesso aos planos de ensino; elaboração de lista geral de referências bibliográficas; análise das referências tendo como foco o gênero de autor(a), ano de publicação e disponibilidade nas bibliotecas da universidade; sistematização dos dados; e elaboração do relatório final.

A busca no e-MEC foi realizada na opção Consulta textual, filtro “Nome do curso” e palavra-chave “Fotografia”. Foram encontrados 87 cursos em todo o território brasileiro, distribuído nas 5 regiões do país como pode ser observado na Figura 1.

Optou-se pelo foco nos 5 cursos presentes em Santa Catarina, na UNIVILLE (Universidade da Região de Joinville), UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) em dois campi, UNIASSSELVI (Centro Universitário Leonardo da Vinci) e Centro Universitário FACVEST também em múltiplos campi. Até a data de coleta de dados do MEC (ano de 2017), em funcionamento constavam UNIVILLE, UNIVALI campus Itajaí, UNIVALI campus Florianópolis e FACVEST em Lages. Em nossos contatos, apenas os dois cursos da UNIVALI nos retornaram.

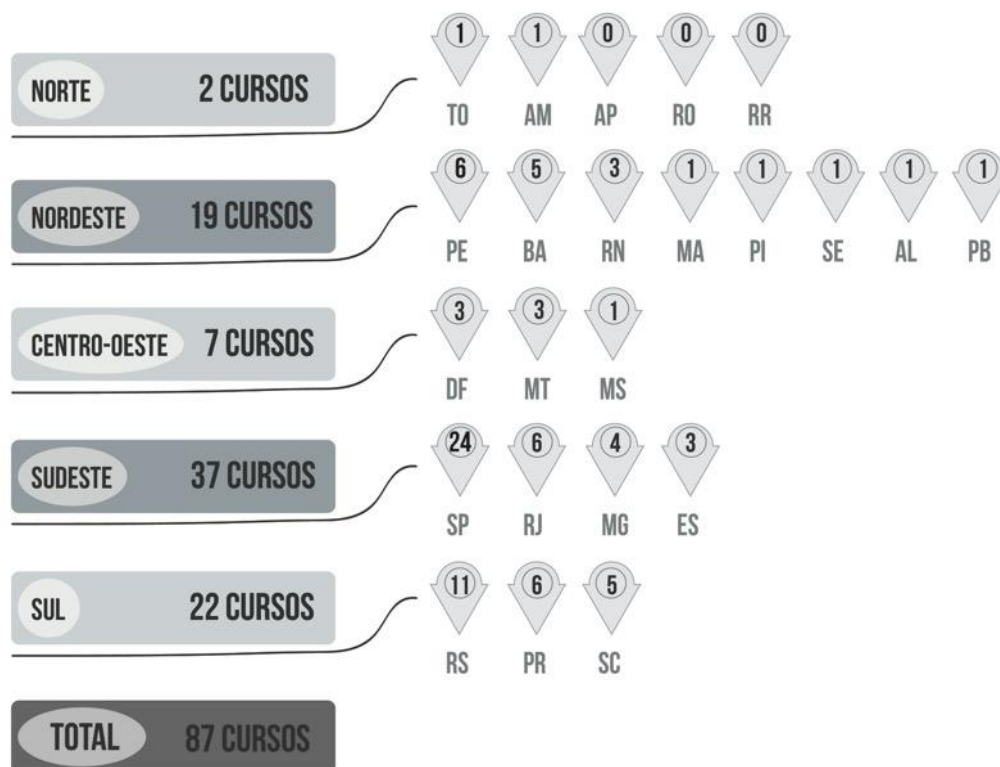


Figura 1: Panorama brasileiro. Fonte: criada pelas autoras

Estabelecido este cenário, passamos ao foco da pesquisa que são as autoras presentes nas referências bibliográficas dos cursos. A lista geral de livros foi construída a partir dos materiais recebidos pelas coordenações e constou com 45 títulos diferentes, podendo ser consultada no item Anexos. A categorização foi feita por meio de uma tabela em que constavam: gênero do autor(a), ano de publicação e disponibilidade na biblioteca dos cursos. Esta consulta foi feita via site da biblioteca (<https://siaibib01.univali.br/pergamum/biblioteca/index.php>) com o filtro “título” e a opção “busca em todas as bibliotecas”. Os dados encontrados seguem nas Figuras 2, 3 e 4.

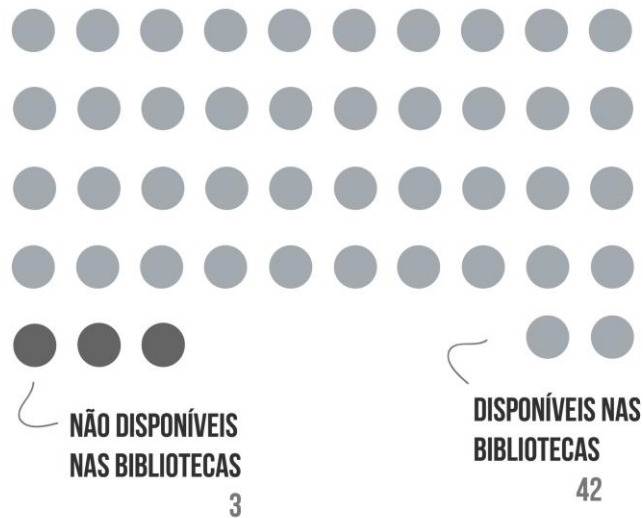


Figura 2: Disponibilidade das referências. Fonte: criada pelas autoras

Como podemos observar quase todo o material, 42 livros de um total de 45, está disponível para consulta nas bibliotecas. Esta é uma medida importante para entendermos também como o referencial é possivelmente utilizado em sala de aula de maneira efetiva. No que diz respeito ao ano das publicações, dividimos em três grupos: publicados na década de 90, de 2000 a 2009, e de 2010 a 2019. O resultado se encontra abaixo na Figura 3.

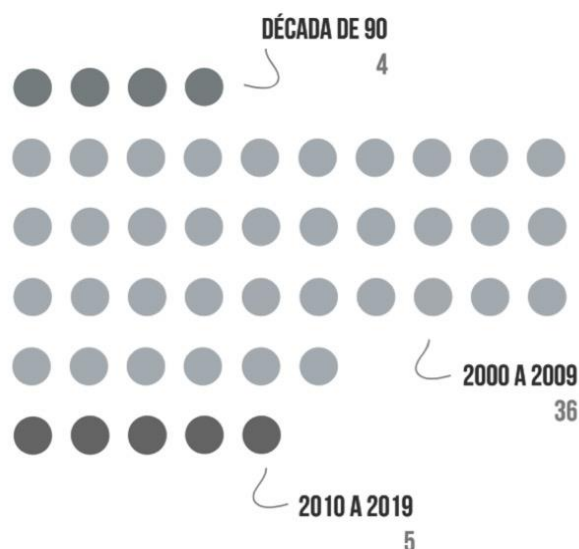


Figura 3: Ano de publicação das referências. Fonte: criada pelas autoras

KOOL, Lia Kim; URIARTE, Sarah Zewe. Mulheres na fotografia: quais espaços ocupamos?, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2860-2867.

Com apenas 4 publicações da década de 90, a lista de referências tem grande parte do seu acervo entre os anos 2000 a 2009 e alguns materiais mais recentes. Por se tratar de uma área que lida com o desenvolvimento tecnológico, pensamos ser interessante um número maior de livros recentes que tragam atualizações da área. Porém, não podemos descartar a possibilidade de que professores e professoras da área utilizem outros materiais e ferramentas que não entraram na lista, como produções audiovisuais, conteúdo de imagem e referenciais da internet.

Já no que diz respeito ao gênero de autoria dos livros a situação é alarmante. Dos 45 itens que compõem a lista de referências, apenas 6 foram escritos por autoras mulheres e 1 em parceria entre um autor homem e uma autora mulher, conforme podemos visualizar na Figura 4.

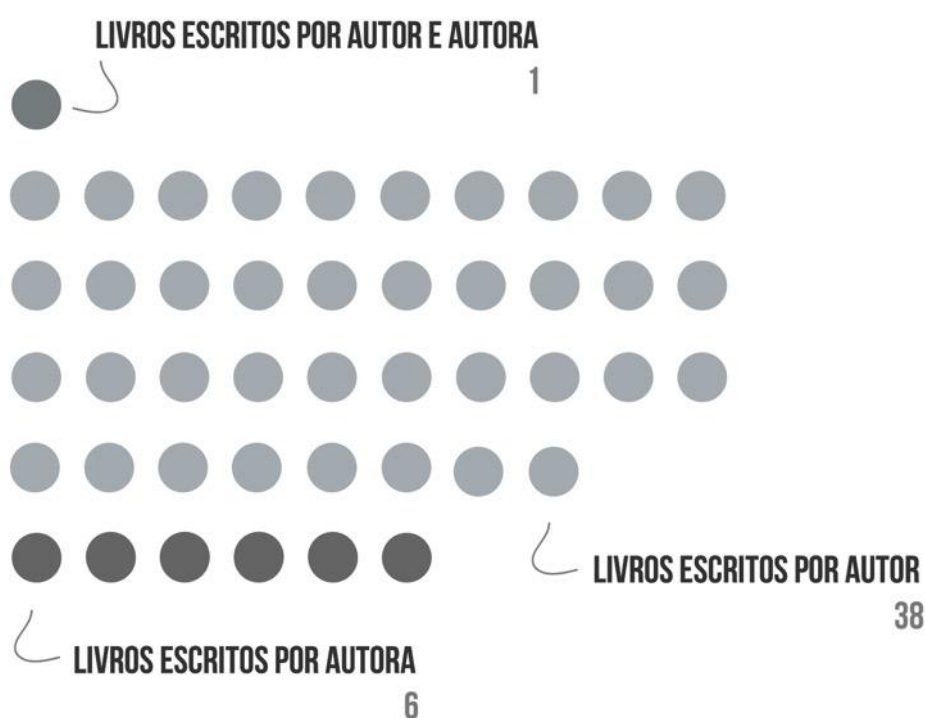


Figura 4: Gênero de autores das referências. Fonte: criada pelas autoras

Talvez esta figura já consiga nos trazer uma imagem do espaço que as mulheres vêm tendo na formação dos cursos superiores de Fotografia, que neste caso significa apenas 13,33% das bibliografias utilizadas no curso. É importante lembrar também que nenhum dos livros citados na lista de referências era específico a respeito do tema, trazendo foco para mulheres fotógrafas ou inventoras da fotografia. Caso apareçam em outros materiais utilizados, como citamos anteriormente, os espaços oficiais como planos de ensino continuam sendo ocupados majoritariamente por homens, e a história e produção da fotografia vem sendo, assim, protagonizada por eles.

Após a análise das bibliografias descobrimos esta inquietante e questionável diferença entre a presença das mulheres e dos homens nas referências usadas nos cursos estudados. Estes dados corroboram as hipóteses que havíamos levantado a partir do contato anterior com materiais de fotografia, onde se notava a ausência de mulheres em suas diferentes vertentes da linguagem, e de trabalhos que vinculem mulheres à fotografia fora do âmbito da representação do corpo feminino por homens. Podemos entender esta ausência a partir de Ribeiro, quando esta diz que a falta de acesso a determinados espaços por estes grupos localizados em um patamar menor hierarquicamente “faz com que [suas] produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente.” (RIBEIRO, 2017, p.65)

É importante lembrar, porém, que muitas mulheres têm se envolvido e sido protagonistas na fotografia, apesar de tantos empecilhos, e seu reconhecimento e valorização são de extrema relevância para, como dito anteriormente, sanar ainda que temporariamente estas lacunas causadas por suas condições sociais. Ainda, vale trazer que não somente estas mulheres precisam de sua devida visibilidade, mas é crucial para o e a estudante de fotografia que seus cursos possibilitem uma visão ampla da área, o que acontece quando buscamos trazer materiais que falam de lugares distintos. Trazendo novamente Ribeiro, “Os saberes produzidos pelos

KOOL, Lia Kim; URIARTE, Sarah Zewe. Mulheres na fotografia: quais espaços ocupamos?, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2860-2867.

indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias.” (RIBEIRO, 2017, p. 77)

Assim, buscou-se neste trabalho trazer estes outros olhares, entendendo-o como uma das ações necessárias dentro de um espectro muito maior de necessidade de revisão, reconstrução e abertura para outros saberes e epistemologias.

Notas

¹ “As retratistas de uma época: fotografias de São Paulo na primeira metade do século XX”, de Carla Jacques Ibrahim, e “Espelho, espelho meu? Autorretratos fotográficos de artistas brasileiras na contemporaneidade”, de Mariana Meloni Vieira Botti. Vale apontar que ambos trabalhos estão vinculados à mesma Universidade, centro e programa de pesquisa (Mestrado em Multimeios, Instituto de Artes, UNICAMP).

REFERÊNCIAS

NOCHLIN, Linda. **Porque não houve grandes mulheres artistas?** Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Lia Kim Kool

Aluna do segundo ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação UNIVALI e bolsista de pesquisa PIBIC, vinculada ao Laboratório de Fotografia do CAU. Contato: lia_kool@edu.univali.br

Sarah Zewe Uriarte

Artista visual e professora. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina na linha de Processos Artísticos Contemporâneos sob orientação da prof. Dra. Regina Melim e graduada em Tecnologia em Fotografia pela Universidade do Vale do Itajaí. Professora responsável pelo Laboratório de Fotografia do Colégio de Aplicação UNIVALI e orientadora de pesquisas PIBIC, incluindo esta. Contato: sarahuriarte@gmail.com